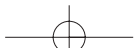
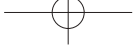




*Os trabalhos e os dias de Machado de Assis*







*Ensaaios*





UM BELO DIA EM IPIRANGA:  
A BUSCA DO EU E DE NÓS EM MACHADO DE ASSIS

Maria Manuel Lisboa\*

*Filho, na boca palavras doces; no coração  
palavras danadas. Mas que importa, se és  
meu filho?*

Alexandre Herculano,  
*A Dama Pé de Cabra*

*Gerados no seio de mães, nós, homens,  
agitamo-nos na atmosfera eterna do fe-  
minino. Entre o ventre donde saímos e o  
túmulo onde vamos decompor-nos, entre  
os dois nada que limitam a nossa exis-  
tência de efémeros, vivemos de amor e  
por amor.*

Oliveira Martins,  
*História da República Romana*

E a propósito de mães, começo por citar a minha avó (visto que, como toda a gente sabe, uma avó é duas vezes mãe). Dizia ela: «diz-me com quem andas, dir-te-ei o que tu és». Ou, com uma modificação (in)significante, diz-me o que lês, dir-te-ei o que és. Avós, então, e mães, e pais ou progenitores, biológicos, literários, culturais ou nacionais: venha o diabo e escolha. Seja como for, tudo se resume numas poucas perguntas fundamentais: de onde vimos, para onde vamos, com quem andamos, lendo, vivendo e pensando? Quem somos nós?

Esta pergunta, brasileira e nacionalmente falando, desde sempre preocupou Machado de Assis, para quem pais – e mães – literários e, outrossim, foram desde sempre sumamente importantes. Importantes, numerosos e polimórficos, aquém e além-mar. Entre os seus originadores literários, inolvidavelmente fundamentais, embora não necessariamente reconhecidos por ele como tal, encontravam-se José de Alencar e José Maria Eça de Queirós: muito apropriadamente dois José, homónimos do santo padroeiro dos pais. Ou muito apropriadamente, salvo seja, visto que pai propriamente dito S. José nunca foi – apenas padrasto ou comborço

\* Professora de Literaturas de Língua Portuguesa em St. John's College, Universidade de Cambridge, Reino Unido.

a quem foi imposto o filho de Outro. Paternidade ambígua, então, algo em que o Machado do *Dom Casmurro*, da Capitu e do Ezequiel afinal de contas se especializava <sup>1</sup>. Mas, equívoca ou não, paternidade ainda assim, para bem ou para mal.

Também assim com Machado, na sua linhagem literária: em primeiro lugar, filho Freudiano de José de Alencar, o escritor, dizem as más línguas, cuja morte, sua e da sua influência Romântica, Machado aguardou para se tornar ele próprio um grande artista; quer Freud quer Bloom já nos cantaram essa cantilena de influência e de rivalidades, intelectuais e, outrossim, oriundas de outoras tão distantes como o nosso berço cultural na Grécia Antiga <sup>2</sup>. Começando então em primeiro lugar, como cronologicamente lhe compete, com Alencar, já o mestre de Machado, em dois dos seus romances indianistas, *Iracema* e *O Guarani*, se angustiara com o problema de uma paternidade, ou, com maior exactidão, maternidade – digamos então *origem* – de índole também (embora não só) nacional, e, mais especificamente, com a dúvida perene acerca de quem era a nação <sup>3</sup>. Essa nação, temeu Alencar, arguivelmente, encarnada na pessoa de Iracema, morreu pós-parto. Ou de autoparto. A geração espontânea, como é sabido, nunca foi feito fácil de alcançar.

Em segundo lugar, e porventura mais polemicamente, temos um Machado filho de José Maria Eça de Queirós, aquela influência bloomianamente <sup>4</sup> pressentida pelo brasileiro com ansiedade, e por isso rejeitada com ímpeto parricida. Indesejada ou não, porém, influência ainda assim, e que afinal talvez não tenha sido uma referência tão divergente como é hábito pressupor-se, conforme adiante justificarei. O diabo nem sempre é tão feio como o pintam. Outra lengalenga edipiana. Já cá voltaremos.

Seja como for, dois Josés, muito diferentes, mas cada um a seu modo obcecado, como testemunham *Iracema*, *O Guarani*, *A Cidade e as Serras* ou *Os Maias* <sup>5</sup>, com um problema acima de todos, e que Machado compartilhou: o problema (e o instinto) de nacionalidade e de origem, pessoal e colectiva, que vem a ser afinal de contas um problema impreterivelmente equacionado com questões de identidade, paternidade e filiação <sup>6</sup>. Mas não só. Falar de pais está muito bem, mas não basta. Quando chega o momento de fazer contas, não nos esqueçamos de que um pai, ou uma pátria, não se fazem sozinhos e que o xeque-mate por vezes é administrado não pelo rei mas pela rainha: *cherchez la patrie*; *cherchez la mère*; *cherchez la femme* <sup>7</sup>. Na famosa crónica intitulada justamente «*Cherchez la femme*», lemos o seguinte:

[*Cherchez la femme*]. Como arma policial, a frase não tem valor, ou pouco e restrito; mas aprofundai-a, e vereis tudo que ela abrange; vereis a vida inteira do homem.

Antes da sociedade, antes da família, antes das artes e do conforto, [...] antes, muito antes do primeiro esboço de civilização, toda a civilização estava em gérmen na mulher. Nesse tempo ainda não havia pai, mas já havia mãe. O pai era o varão adventício, erradio

e fero que se ia, sem curar da prole que deixava. A mãe ficava; guardava consigo o fruto do seu amor casual e momentâneo, filho de suas dores e cuidados; mantinha-lhe a vida. [...] Se quereis procurar a mulher, é preciso ir até lá, até esse tempo [...]. Achá-la-eis na origem do homem e no fim dele; [...] ela é quem transmite a porção intelectual do homem.<sup>8</sup>

A questão da maternidade, sempre problemática no Brasil, quer da perspectiva de conceitos psicanalíticos importados da Europa quer de preocupações nacionais com respeito a uma origem europeia conflictuosa com o desejo brasileiro de especificidade nacional latino-americana, esteve sempre no cerne de fenómenos complexos que, coincidindo com a chegada do Romantismo ao Brasil, vieram a caracterizar-nos quase dois séculos que se seguiram à procura nacional de uma expressão cultural emancipada, paralela à independência política de 1822. A mãe como ponto de origem, quer para o indivíduo quer para a nação, isto é, seja ela conceptualizada como referência quer antropomórfica e pessoal quer abstracta e nacional, vem a tornar-se central ao entendimento da inquietação brasileira referente à metáfora do nascimento e ao corpo materno como a origem engendradora da individualidade do eu e da colectividade da nação. E seja ela toda-poderosa ou desautorizada, adorada ou vilipendiada na nação, na sociedade ou no lar, a mãe, quer na sua capacidade humana (enquanto mulher) quer na sua entidade continental (europeia), é sempre pressentida como inquietantemente irreduzível e perpetuamente perigosa.

A importação da Europa de paradigmas intelectuais, que vão desde a História à Teologia, à Literatura, à Medicina, à Psiquiatria e à Psicanálise, inseriu-se nos dois últimos séculos numa realidade cultural brasileira em vias de formação, que parecia dividida entre dois impulsos contraditórios: por um lado, uma demandada emancipação de parâmetros europeus, e, por outro, uma inegável dependência em relação a esses parâmetros. Paradoxalmente, porém, a Psicanálise, a Teologia, a Filosofia e certas outras disciplinas cognatas são justamente os campos cuja influência se tem vindo a provar mais duradoura na circunscrição dessa almejada especificidade cultural brasileira. Esta, desde o Romantismo, e atravessando o Realismo, o Naturalismo e o Modernismo até à produção literária contemporânea, tem apresentado uma metáfora persistente cuja referência é a de uma Pátria-Mãe a ser a cada momento reinventada *tabula rasa* por um ímpeto em teoria (mas não de facto) exclusivamente nacional e inteiramente absoldido de influências extrâneas (portuguesas). O processo em questão, por conseguinte, não se apresenta sem ambivalência, exigindo, ademais, a inversão – por parte de activistas culturais de cariz nacionalista – do processo de nascimento nacional e estético, sendo que vêm a ser os filhos da Pátria que lhe dão origem a ela, e assim usurpam o poder originador que eles simultaneamente receiam e não lhe confiam por inteiro.

Quem dá origem a quem? A mãe aos seus filhos ou vice-versa? Se vice-versa (é [pouco] natural que sim), essa elisão da mãe (seja ela continental-europeia ou individual-edípiana) decorre em paralelo com uma série de negações que incluem a recusa, por parte do filho, da consciência de ser nascido do corpo materno, e por isso condenado a uma vida finita, e à iniludibilidade da morte.

No conto «Pai contra Mãe»<sup>9</sup>, uma colisão de interesses que, longe de serem opostos (isso seria natural), são angustiosamente semelhantes, leva não a uma tragédia mas a duas: Cândido Neves, membro das classes trabalhadoras sem hipótese de trabalho – visto que todas as ocupações, que de outro modo seriam naturalmente as suas, são desempenhadas grátis por escravos, num Brasil renitentemente escravagista –, vê-se à beira de ser forçado a abandonar o filho recém-nascido na Roda, por incapacidade de o sustentar. A última opção laboral que lhe resta apresenta-se por via de um anúncio de recompensa pela captura de Arminda, escrava foragida, grávida e, por conseguinte, previamente à Lei do Ventre Livre, duplamente valiosa. Caminhando pelas ruas de um Rio de Janeiro oitocentista que, à parte a nódoa maçadora da escravidão, se encontrava entusiasticamente engajado num *zeitgeist* tardiamente importado do liberalismo proto-democrata europeu, Cândido Neves se depara com a dita escrava. A perseguição que se segue resulta na captura desta, que ali mesmo aborta. Resulta também, por conseguinte, na vitória pírrica de Cândido Neves, que assim alcança contribuir para a perpetuação de uma instituição, a escravidão, a qual lhe assegura, a si e às gerações vindouras, incluindo o bem-amado filho recém-nascido, o desemprego e a destituição *ad infinitum*. Numa nação que se queria moderna e liberal, então, este homem que a representa ajuda a perpetuar uma norma que o condena a si e aos seus, a curto, médio e longo prazo à indignação, ficando ademais culpado da morte no útero do filho de outrem, em nome do seu próprio amor de pai. Mas ao destruir essoutro, esse Outro, cuja culpa reside apenas em não ser sangue do seu sangue, autodestrói-se também a si mesmo na sua humanidade. Jaz morto e apodrece mais do que um menino da sua mãe<sup>10</sup>. Morto porque, por essas ruas cariocas (Rua da Guarda Velha, Rua do Parto e da Ajuda), e no cerne desse problema de uma velha guarda ideológica renitentemente culpada de dolorosos partos sem ajuda, no turbilhão político, ético e estético de moralidades e paradigmas que este anti-herói ameaça, encontram-se aquela mãe *manquée* e embrião inconseguido que são a escrava Arminda e o desditoso fruto do seu ventre.

No conhecido poema de 1879, «A Mosca Azul», o desencanto de Machado com um método científico Realista ou Naturalista, que, ao dissecar o fascínio do epônimo insecto, simultaneamente lhe destrói a ilusão e a poesia (para não falar na vida e na identidade) sem alcançar porém o esclarecimento da Razão, assume a fachada da loucura, uma metáfora que reaparecerá nos dois romances que se seguiram.



Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,  
Rota, baça, nojenta, vil,  
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela  
Visão fantástica e subtil.

Hoje, quando ele aí vai, de aloé e cardamono  
Na cabeça, com ar taul,  
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como  
Perdeu a sua mosca azul.<sup>11</sup>

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*<sup>12</sup>, publicado em 1881, e depois em *Quincas Borba*<sup>13</sup>, que data de 1891, exatamente uma década adiante, o personagem de Quincas Borba comum a ambos os romances, mestre e paladino de um travesti imoral e cientificamente pouco rigoroso da teoria spenceriana e darwinista a que ele chama Humanitismo, enlouquece e arrasta, para a esterilidade intelectual/existencial que é essa loucura, Brás Cubas no primeiro romance, e Rubião no segundo. Ambos eles, discípulos desta versão abastardada do conceito já em si moralmente perigoso de Darwinismo Social<sup>14</sup> (selecção natural aplicada a comunidades humanas: a sobrevivência do mais forte ou, na versão de Quincas, «ao vencedor as batatas»<sup>15</sup>), apregoam o dever supremo do indivíduo de se reproduzir, e através de si a sua espécie («a transmissão da vida [...] é a hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente, há só uma desgraça: é não nascer»<sup>16</sup>). Ambos eles, porém, morrem sem descendência, sem filhos, sem obra, sem voz e sem destino. Ou seja, sem efeitos e sem con(sequências) à parte as do desencadeamento de uma imoralidade desenfreada que ameaça a própria tessitura do indivíduo e da nação.

Quando Brás Cubas, em remate à sua obra póstuma, a posfacia com uma devastadora factura de saldo negativo apresentada a todos os dogmas sacrossantos do Realismo e da ideologia das classes médias burguesas que sobre este movimento se arrimaram – o inquérito científico, a ética burguesa do trabalho, o ideal da família e do *pater famílias*, a continuidade do sangue masculino e a transmissão do nome, da identidade e da propriedade –, expõe também o fracasso de um ideário que Machado supostamente inaugurou no Brasil. Inaugurou, mas porém, e com típica perversidade machadiana, começou a dismantelar no próprio momento de o instalar como paradigma dominante de um *status quo* que ele nunca deixou de questionar:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. [...] E [...] ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.<sup>17</sup>

Roberto Schwarz<sup>18</sup> e Teresinha Zimbrão da Silva<sup>19</sup> já elucidaram a exposição, em *Memórias Póstumas e Esaú e Jacó*<sup>20</sup>, respectivamente, de um profundo e amplamente abrangente cepticismo, por parte de Machado, perante as contradições de um país e de uma época em que importações políticas e ideológicas, nomeadamente liberais, abolicionistas e republicanas, mas também culturais e especificamente literárias, se abastardizaram num contexto nacional recidivamente escravagista, anti-igualitário, intelectualmente híbrido e confuso<sup>21</sup>.

Como não-brasileira desde relativamente tenra idade dedicada a questões brasileiras, uma das minhas primeiras impressões, desde o momento iniciático de contacto (outra versão da chegada ao Novo Mundo), foi a frequência com que os brasileiros informam aos estrangeiros – com aquela entoação musical a que em Portugal se chama «português com açúcar», e que os meus alunos ingleses proclamam ser «muito mais fácil de entender do que o português peninsular» – que «o Brasil é um país maravilhoso». É certo que sim, com toda aquela imaginação, criatividade, agilidade e recusa de rigidezes categóricas que docemente dissolvem e reconciliam tantas diferenças, tais como, por exemplo, a metamorfose de um Espírito Santo católico numa Mãe de Santo candomblaica. Mas que, menos maravilhosamente, e com catastróficas consequências ideológico-políticas e sociais, ignoraram também as incompatibilidades de liberalismo e escravagismo, de democracia e desigualdade que, ontem e hoje, tornaram o Brasil num dos países mais desiguais do mundo, o que ainda hoje se perpetua<sup>22</sup>.

A lucidez incisiva de Machado escarnecia da confusão que assolava o meio intelectual brasileiro finissecular prostrado perante o culto de uma claridade científica e ideológica imediatamente deturpadas no contexto de uma realidade social e intelectual localmente mal articuladas<sup>23</sup>. Assim, e com malícia típica, enquanto o seu século e os seus contemporâneos se precipitavam com alarido para uma vaga mal-entendida de inquérito pseudocientífico mal-amanhado e de princípios éticos instantaneamente atraíçoados, Machado, virando costas ao modismo corrente, regressava em *Memórias Póstumas*, por via da ironia selvática, a certas ideias fundamentais e antigas, e a uma ponderação não científica mas antes metafísica do problema da origem. E, primordial a essa especulação, em *Memórias Póstumas*, como aliás ubiqua e desde sempre presente ao longo da obra deste autor, aparece a metáfora da mulher, e mais especificamente da mulher enquanto mãe.

Na investigação dos mistérios de origem, começo, ou ponto de partida quer individual quer colectivo (nacional), como se sabe, e como já previamente se recomendou, é de rigor *chercher la femme*. Machado procurou-a, e aventuramos agora, encontrou-a como poucos. Para este frequentador assíduo dos clássicos, desde Empédocles a Dante, desde *Eclesiastes* a Shakespeare, a procura da mulher em fontes clássicas e antigas leva-o, afinal, a revisões perifrásticas dessas fontes, e a uma polémica que por fim as liga, e o exclui de uma sua contemporaneidade cuja

confusão obscurantista incluía uma misoginia e um machismo, por ele, como já em outra ocasião arguimos, rejeitados <sup>24</sup>.

Um dos traços de união que estabeleceu a ponte entre fontes culturais europeias e o que segundo Schwarz <sup>25</sup> e Zimbrão <sup>26</sup> veio a ser a assimilação brasileira dessas fontes no século XIX, remete-se à interpretação do papel da mãe na tessitura social antiga e moderna, longínqua e local. As conclusões a que levam essas tradições antigas, e a sua paráfrase labiríntica no Brasil oitocentista, sugerimos agora, são avaliadas e depois repudiadas por Machado, e por ele depostas a favor de uma visão a elas diametricamente avessa. Vejamos.

Influências diversas oriundas da Europa têm vindo ao longo dos últimos dois séculos a infiltrar no Brasil uma metáfora de maternidade enquanto instituição-origem que contradiz o desejo brasileiro de um nascimento cultural a partir de *tabula rasa*. E não só brasileiro. Para além e previamente ao impacto da Psicanálise na psique europeia, a desconfiança em relação ao poder originador do útero materno vinculou o pensamento greco-judaico-cristão desde as suas manifestações paradigmáticas. Os problemas causados pela desobediência de Eva, desobediência essa punida por uma série de castigos genesíacos que incluíram a maternidade dolorosa (o parto com dor), foram atenuados mas não resolvidos pelo antitético e antídotal ventre virgem de Maria: o útero contentor, sujeito desde sempre a ocupação pelo Pai e pelo Espírito Santo como agentes com monopólio sobre a geração do Filho, em cuja origem ela não participou. Ou seja, tal como Iracema, a mãe de Deus é elidida após cumprida a função inescapável mas indeterminante de dar à luz. Esse paradoxo vem a problematizar o conceito de origem como tendo na sua base a premissa da separação dos sexos, da subordinação da mulher/mãe, e da contenda, por parte do macho, de monopólio sobre o acto de procriação.

No contexto de um Brasil perenemente preocupado com questões de origem ou maternidade edénica e pós-edénica, seja ela europeia ou brasileira, é a figura problemática da mulher, e mais prementemente da mulher enquanto mãe que aparece como ponto de partida para a tarefa de dismantelamento filosófico e moral em Machado. Através do retrato que nos pinta da actuação não apenas intelectual mas especificamente comportamental e amorosa de um Brás Cubas filho do seu século, pai dos machadianos heróis casmurros, que variamente o seguiram, e representante do *zeitgeist*, Machado, carioca sedentário que nunca viajou mais além do que Petrópolis, questiona e por fim deruba os alicerces de teorias culturais, tais como aquela judaico-cristã acima referida. É, por conseguinte, através da interacção entre Brás Cubas e a galeria de mulheres com as quais ele contracena, amorosamente ou outrossim, que certos fundamentos do movimento Realista nas suas facetas políticas (Liberalismo), ou científicas (Positivismo, Darwinismo), são variamente derrubados.

Brás Cubas, jovem de boas famílias, educado na Europa – e aí – depreende-se – inculcado no novo ideário político-intelectual –, regressa ao Brasil com ambições de uma carreira política e de uma vida privada que virá a incluir a posse e destruição de um desfilar de mulheres: Marcela, por ele amada e no final reduzida a uma morte miserável num hospício para os desapossados; Eugénia, aleijada de corpo e por ele mutilada de alma, morta na mesma semana e no mesmo hospício que Marcela; D. Plácida, cúmplice dos seus amores com Virgília, mas nascida «para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer [...] até acabar um dia na lama ou no hospital»<sup>27</sup>; Nhã-Loló, coincidentalmente ou não, morta assim que se aventa a possibilidade de um casamento com Brás Cubas<sup>28</sup>; e uma série de mulheres cuja única função é a de servir de pasto ao ímpeto destrutivo deste e de outros homens: por exemplo, a mãe de Brás, «senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração»<sup>29</sup>, cuja única função parece ser fornecer ao filho uma genealogia, e cuja morte, descrita por este em capítulo intitulado «Triste, mas curto»<sup>30</sup>, é imediatamente seguida por outro «Curto, mas alegre»<sup>31</sup>; e, finalmente, a mulher do capitão do navio que o leva para a Europa, «tísica em último grau»<sup>32</sup> e cuja morte a bordo serve de pretexto para a produção logo no dia seguinte, por parte do marido, de «um epicédio composto de fresco, em que estavam recordadas as circunstâncias da morte e da sepultura da mulher»<sup>33</sup>: *magnum opus* esse que ele confessa com orgulho indisfarçado, ser «a sua obra mais acabada»<sup>34</sup>.

A destruição destas mulheres pelos homens por elas amados revela-se, pois, uma clara traição a ideais de um liberalismo supostamente promotor de direitos naturais universais (incluindo a igualdade entre os sexos)<sup>35</sup>, mas que na prática, na história das Américas nos séculos XVIII e XIX, só para os *happy few* reservou o lugar que à mulher também pertencia. É, por conseguinte, justiça poética que, como veremos adiante, a carreira política de Brás Cubas – representante de um regime que conspirou na aniquilação do sexo feminino, aqui ilustrada pela agência mortífera da sua carreira amorosa – fique desfeita pela acção retaliadora de uma mulher que foi sua amante. Sendo assim que se Brás Cubas, na sua capacidade de amante e representante do *status quo*, involuntariamente expõe o desequilíbrio de poder entre os sexos inerente a um ideário local supostamente liberal, esse *status quo* fica por sua vez ameaçado, na pessoa do seu representante, por uma mulher, Virgília, que eventualmente o destrói. Destrói-o primeiro quando, tendo sido cortejada por Brás por expediente carreirista (visto ser ela filha do «Conselheiro Dutra [...] uma influência política»<sup>36</sup>), ela o rejeita por um noivo de sucesso mais imediatamente garantido. E segundo, como veremos adiante, ao derrotá-lo na luta pelo domínio reprodutivo em que ela se prova exímia e ele estéril.

Há outro campo de batalha, porém, no qual Brás Cubas se mede com uma figura feminina, não humana mas antes mitológica, e perde uma das refregas centrais deste romance. Brás, representante do *status quo* e do momento histórico-ideológico,

representa também os paradigmas centrais do pensamento da sua época: nomeadamente, de um incipiente ideário Realista com as suas conjunturas de Cientifismo, Darwinismo e Razão Positiva, que ele atabalhoadamente incorpora na filosofia mal-sã do Humanitismo (este já em si uma versão abastardizada das teorias da Evolução de Spencer e Darwin). Paradoxalmente, o manifesto do momento epifânico de «esclarecimento» científico ocorre para ele no contexto de um delírio desvairado: «que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu e a ciência mo agradecerá»<sup>37</sup>. Sentado no lombo de um hipopótamo, animal cujo exotismo remete mais directamente a um devaneio gótico-romântico do que a uma jornada científico-realista, Brás é levado pelo animal «à origem dos séculos»<sup>38</sup>, isto é, a uma viagem ao inverso na trajectória da Evolução, em regressão ao ponto de origem. E é também uma trajectória em direcção não a um enriquecimento experimental, positivo e esclarecedor, mas antes a uma esterilidade gelada, obscurantista e sobretudo improfícua: «a sensação de frio aumentava com a jornada, e [...] chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. [...] A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incómodo, a condução violenta e o resultado *impalpável*»<sup>39</sup>: ou seja, sem resultados empíricos tangíveis, que é o golpe de misericórdia dado a qualquer empresa científica cuja *raison d'être* por definição se pressupõe ser o levantamento de resultados *palpáveis*.

O momento de regresso ao ponto zero de origem, que é também o momento de uma virgindade pré-concepção caracterizada por uma «imensa brancura da neve»<sup>40</sup>, é também o instante ameaçador de um regresso uterino que se pode assinalar paradisíaco, ou, contrariamente, mortífero. A teoria psicanalítica pós-freudiana discerne na figura da mãe o terror do ponto iniciático de uma vida finita e por isso condenada a perecer<sup>41</sup>. Se para o recém-nascido a mãe se afigura todopoderosa, fonte de tudo o que é tanto benigno quanto maligno, potencialmente ameaçando-lhe a identidade e apontando a possibilidade de desintegração, esta dualidade persistirá no subconsciente adulto como a ambivalência do desejo de um regresso àquele ventre edénico, embora hipoteticamente aniquilador. A mãe, que nos recorda a dependência absoluta da infância, reaviva a memória dessa impotência, dessa iniciática existência rudimentar, inquietantemente próxima do Nada antes do Ser. Estado perigoso, para o qual a solução, lacanianamente, é a rejeição do elemento materno e a identificação com o pai, cujo reino inaugura a vigência da masculinidade, da identidade, da linguagem, da lógica, da ciência e da razão.

Quando no decurso do seu delírio Brás Cubas depara com a brancura virgem do pré-Ser ou Devir, cuja conotação para ele é, previsivelmente, «igual [à] do sepulcro»<sup>42</sup>, a esta visão sucede-se a aparição de uma figura com «a vastidão das formas selváticas»<sup>43</sup>, que se apresenta como «Natureza ou Pandora» e lhe diz ser «tua mãe e tua inimiga»<sup>44</sup>. A mãe destruidora que Pandora se revela ser («eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o

que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada») <sup>45</sup> contesta, ainda mais, a filosofia que mais adiante virá a revelar-se a pedra-de-toque do pensamento de nosso herói: nomeadamente, aquele Humanitismo que aqui fica fragilizado, mesmo antes de se manifestar. Fragilizado porque, sendo a versão adulterada de um Darwinismo idólatra da perpetuação da vida a qualquer preço, para o Humanitismo, «a única desgraça é não nascer» <sup>46</sup>, (ou viver), enquanto, conforme Pandora explica ao aterrado Brás Cubas, «minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo» <sup>47</sup>.

Sei de uma criatura antiga e formidável,  
Que a si mesma devora os membros e as entranhas,  
Com a sofreguidão da fome insaciável.  
Habita juntamente os vales e as montanhas;  
[...]  
Ama de igual amor o poluto e o impoluto;  
Começa e recomeça uma perpétua lida,  
E sorrindo obedece ao divino estatuto.  
Tu dirás que é a Morte; eu direi que é a Vida. <sup>48</sup>

Se a voluptuosidade do nada, expressão perfeita daquele anseio por um regresso uterino desejado e temido, desencadeia em Brás Cubas o pânico de uma «decomposição súbita de mim mesmo» <sup>49</sup>, a paráfrase que Pandora oferece de um Darwinismo aqui eticamente questionado e de um Humanitismo que nunca foi mais do que uma paródia falhada deste, deixa aquele, e todo o edifício intelectual do movimento Realista, que sobre ele se ergueu, moralmente de rastos: a vida, objectivo quintessencial do Darwinismo e do Humanitismo, vindo segundo Pandora a ser o castigo supremo. Se Machado antecipou as armadilhas de uma trajetória ideológica e política que, baseada no princípio Darwinista de selecção do mais forte, levaria a Europa, seis décadas mais tarde, por via mais ou menos directa, ao holocausto de uma raça judaica declarada *untermenschen* <sup>50</sup>, mais notavelmente ainda ele pre-figurou o niilismo céptico e descentrado de um subsequente pós-modernismo à deriva. No episódio do delírio, o que se segue à caricatura feroz do Darwinismo é a visão imposta a Brás do desfilar condensado dos séculos e da História, assolados da «cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, húmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruí-lo, como um farrapo» <sup>51</sup>.

Quando Brás, angustiado perante esta calamidade, desafia a Mãe a que «[abra] o ventre e [me digira]», articula simultaneamente o pânico e o desejo psicanalítico, teológico e ideológico do *status quo* intelectual que representa. *Status quo* esse, então, afinal reduzido a contemplar o seu futuro na metáfora de um último século ou ponto final que se dissolve em nevoeiro e depois descamba no

absurdo, metamorfoseando-se na figura não já de um hipopótamo mas de um gato<sup>52</sup>. O momento final do delírio que remete Brás Cubas ao momento presente, e ao renovo de uma consciência que é também a articulação do absurdo e da fragilidade da linha divisória entre «razão e sandice»<sup>53</sup>, vem assim a ser o momento absolutamente niilístico da vitória do Nada sobre a Certeza Positiva. E no cerne dessa vitória e dessa derrota encontra-se aquela Mãe Antiga e Medieval, Grega e Bíblica, aqui ressuscitada no palco político do Realismo, por detrás da máscara niilística de Pandora e de sua moderna comparsa, Virgília.

O final do delírio leva, sem transição – mas perversamente num capítulo intitulado justamente «Transição» – de novo à figura de Virgília:

E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grão pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci.<sup>54</sup>

Virgília fica assim associada por adjacência narrativa a Pandora, mãe mortífera, e para mais, tematicamente, a uma maternidade (ou vida) que por fim dará o golpe de misericórdia a Brás. No decurso da narrativa póstuma das *Memórias*, Virgília, tendo rejeitado o casamento com Brás Cubas e desposado Lobo Neves, vem mais tarde a atrair este com aquele, de quem engravida. Ou pelo menos, Brás assim o depreende. Mas terá razão? Quem, afinal, é aqui pai? Tal como Bentinho alguns anos mais tarde, também Brás pressupõe (mas ao contrário de Bento com agrado) que quem é marido nem sempre é pai. Será ou não será? Não será ou será? Quem sabe? Seja como for, as «antecipadas carícias paternais» de Brás<sup>55</sup>, a quem a ideia de ter um filho insufla de uma «certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia-me homem»<sup>56</sup>, são repelidas pela sua amante. Virgília, que sente «vexame da gravidez» e a quem estas efusões aborrecem, aborta sorrindo «de um jeito incrédulo», e assim faz arrasar «todo o edifício das [...] quimeras paternais» de Brás<sup>57</sup>. A partir daí, todos os seus projectos conjugais, paternais e profissionais abortam também, desde o projectado casamento com Nhã-Loló, motivado pelo pânico de morrer um solteirão sem filhos – «sim, cumpria ser pai»<sup>58</sup> – até à projectada progenitura, à almejada cadeira de ministro de Estado e ao planeado derrubamento jornalístico do Parlamento que o preterira. À medida que a narrativa se aproxima de uma conclusão com a morte de Nhã-Loló, Marcela, Eugénia e Quincas Borba, mestre do Humanismo, colapsam também todos os sonhos de Brás Cubas, incluindo a visada invenção científica do famoso emplasto Brás Cubas, referido num dos capítulos iniciais. Essa descoberta «de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade» (513), é abandonada em epitáfio no último capítulo («o emplasto Brás Cubas [...] morreu comigo»<sup>59</sup>), por



um homem que por fim é obrigado a recorrer à invenção super-hipocondríaca de umas memórias póstumas que o obrigam a reviver *ad infinitum* a sua própria morte. Ciência (o emplasto), carreira política (a pasta ministerial), filosofia (o Humanistismo) e paternidade (o filho abortado por Virgília, aquele nunca sequer concebido por Nhã-loló), desmoronam-se então em Nada, e o golpe de misericórdia, muito apropriadamente, é dado, por uma mulher. Virgília, representante de Pandora, *alter ego* vingador de todas aquelas mulheres arruinadas por Brás Cubas e, devastadoramente, mãe de um filho que ela teve de outro homem mas que ele nunca conseguiu ter de ninguém, visita Brás Cubas no seu leito de morte, acompanhada desse emblemático descendente. A sua aparição, por um processo circular perfeito, remete Brás ao delírio onde enfrenta o aniquilamento às mãos de Pandora, mãe e inimiga por excelência. E o espectáculo dessa maternidade mortífera leva-o de retorno a uma outra (Virgília, que o privou de um filho), sendo que a ostentação da maternidade fecunda daquela, face à sua própria esterilidade, gesticula impiedosamente para a bancarrota não só do indivíduo como da época que ele representa.

No passado o pai de Brás Cubas exortara o filho a «temer a obscuridade» e inculcava-lhe «o amor da nomeada»<sup>60</sup>. Mas para o Brás moribundo, o saldo de toda uma vida é diferente: «Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. [...] E [...] ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: – Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria»<sup>61</sup>. Pandora e a sua maldição esterilizadora vencem contra o ditame Humanista de que «a única desgraça é não nascer»<sup>62</sup>. Para Brás Cubas, desmantelados os deuses seculares da ciência, da filosofia, da política, do trabalho e da paternidade, e na sequência de um manifesto que vem a ser o resumo de uma vida sem fruto (toda de negativas), resta-lhe apenas ser remetido ao derradeiro mito de uma maternidade obscura e terrível, «antiga e formidável»: o vazio omnipresente da Mãe que afinal acabará por devorá-lo. E para este «homem do seu tempo e do seu país»<sup>63</sup> no final acena-lhe deveras o *horror vacui* de um materno Mito que, como quis Fernando Pessoa, é o Nada que é Tudo<sup>64</sup>. Com mães assim, quem precisa de inimigos?

Em *A Dama Pé de Cabra*<sup>65</sup> de Alexandre Herculano, autor que Machado, assíduo frequentador de bem amados Portugas, leu, e que acima nos forneceu uma epígrafe, deparamos com a aniquilação de tudo o que Portugal, desde a Idade Média, se entendera ser (nação cristã, belicosa, patriarcal, mais tarde navegante, imperial), em nome de uma mãe, a epónima Dama Pé de Cabra, a muitos níveis desnaturada: demoníaca, desumanizada, moral e identitariamente estremalhada (mulher ou cabra?), porém inquietantemente apetecível. Perante uma



progenitora assim, só duas opções se apresentam: a sua absoluta rejeição ou a absoluta rejeição do corpo institucional (a Pátria na sua auto-entendida hombridade, que é, lacanianamente, o pelouro da Lei do Pai) que à mãe declara anátema. Por fim, então, a bela aliada de Satanás apresenta aos homens (amantes, maridos, filhos) que a amam a opção entre si (esposa, mãe, bem amada, ente desejado) e Deus/Pai/Pátria. O imperativo da escolha, que subscreve o pacto satânico, representa, por parte desta funesta e deliciosa mãe, um acto de usurpação do espaço onde Deus, o pai, a religião, a sociedade e a Lei – tudo aquilo que para Freud resume o superego – deveriam estar. A factura apresentada aos seus partidários – mata-mouros e caçadores de bruxas que afinal são meninos da sua mãe e péssimos cristãos – é a perda da possibilidade de salvação. E o prémio é ela, a mãe, ponto iniciático e de dissolução, origem e morte, Mais-que-tudo e Nada absoluto, ponto final e perdição, o super-Zero do Devir.

Também em Machado, a progenitora, seja ela idealizada como Dona Glória, ambígua como Capitu, perigosa como Virgília ou apocalíptica como Pandora, isto é, seja ela mãe, esposa, mito ou pátria, é sempre, com ou sem pé de cabra, um bicho complicado e imponderável.

Falemos então outra vez de mães. Em Machado as mães são muitas e variadas: Mães a não o serem nunca, tais como Helena, Flora ou Fidélia. Mães moralmente complexas, tais como Estela: mulher que deveria ter sido mãe/madrasta/sogra mas em vez disso vem a ser sofoclianamente, euripidianamente, freudianamente amada, e depois, segundo o parâmetro clássico de Fedra (madrasta/amante ardente), cambiada/recambiada para o esquecimento das progenitoras que gregos, troianos e austríacos declararam ser globalmente (brasileiramente) dispensáveis. Mães infiéis e adúlteras, tais como Virgília (comprovadamente) e Capitu (possivelmente). E mães bifacetadas, tais como Dona Glória, uma santa com discretas garras, que por pouco castrava o filho fazendo-o padre.

Mães, como diz o povo, há só uma, mas como também diz o povo, as verdades são mais que as mães. O que é a verdade? Terminamos onde começámos: com mães e com moscas. Primeiro, com aquela «Mosca Azul», destruída pela filosofia mal-entendida e pela curiosidade científica pessimamente aplicada, que, outrora e, para mal dos nossos pecados, actualmente (ou não fosse Machado além de grande escritor grande profeta), nos expôs e expõe aos perigos da sabedoria confusa e por isso arriscada. E segundo, com aquela Pietà esvaída em sangue de «Pai contra Mãe» que, perante o cadáver do seu filho (ou filha) a nunca ser, ilustra a falência de uma época e de uma nação que se queria recém-nascida e fremente de vida, mas que Machado temia ver precipitar-se para o vácuo voluptuoso, mas afinal árido, de um Nada mal-pensado.

Seja como for, e seja com mães, seja com moscas, o facto é que a aversão que Machado sentia pela ideia de princípios darwinistas (aquele Humanitismo destrutivo e/ou inconsequente) aplicados a comunidades humanas que se supunham

supra-animais porque possuidoras de moralidade, mas que eram afinal regidas por princípios filosóficos derivados em linha recta da lei da selva, resulta em capítulos e mundos «todos de negativas».

E daí? Se tudo acaba em banhos de sangue e em polimórficas traições, quem afinal trai quem? Quem somos nós? Paraíso perdido, achado, ou para sempre procurado? Ainda não sabemos. Mas vamos pensar nisso. E ao pensarmos nisso, seja ela Eva ou Maria, Mulher ou Pátria, Pandora ou *Dona Angelicata*, mãe ou inimiga, santa ou alma danada, bem-amada ou mal-amada, procuremos a mãe, mesmo aquela, ou especialmente aquela que tantos filhos matou, por, com ou sem amor. Porque, tal como reza o provérbio, *bom é ter mãe, ainda que seja uma silva*. Ou, regressando em ciclo perfeito à sabedoria popular e das avós, apenas com uma ou duas modificações pequenas mas saussurianamente significativas, significantes e significadoras, *diz-me quem/como amas, dir-te-ei o que tu és*.

- <sup>1</sup> Assis, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro, Obra Completa*, I. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar (1962).
- <sup>2</sup> Freud, Sigmund. *Totem and Taboo*. Londres e Nova Iorque: Routledge, Ark Paperbacks (1991).
- *Three Essays on the Theory of Sexuality* in Strachley, James (ed. e trad.) *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, 24 vols. Londres: Hogarth Press [1905] (1953-1974), vol. 7.
- *Introductory Lectures on Psycho-analysis* in James Strachley (ed. e trad.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, 24 vols. Londres: Hogarth Press [1916-1917], (1953-1974), vols. 15-16.
- Bloom, Harold. *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. 2.<sup>a</sup> edição. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press (1997).
- <sup>3</sup> Alencar, José de. *O Guarani, Obra Completa*, II. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora (1965).
- *Iracema, Obra Completa*, II. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora (1965).
- <sup>4</sup> Bloom. *The Anxiety of Influence, op. cit.*
- <sup>5</sup> Queirós, José Maria Eça de. *A Cidade e as Serras*. Lisboa: Edição Livros do Brasil (s.d.).
- *Os Maias*. Lisboa: Edição Livros do Brasil (s.d.).
- <sup>6</sup> Assis, Joaquim Maria Machado de. «Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade». In: *Obra Completa, op. cit.*, III, pp. 801-809.
- <sup>7</sup> Assis, Joaquim Maria Machado de. «Cherchez la femme». In: *Obra Completa, op. cit.*, III, pp. 1003-1004.
- <sup>8</sup> «Cherchez la Femme», *op. cit.*
- <sup>9</sup> Assis, Joaquim Maria Machado de. «Pai contra Mãe» In: *Obra Completa, op. cit.*, II, pp. 659-667.
- <sup>10</sup> Pessoa, Fernando. «O menino da sua mãe». In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora (1981), pp. 31-32.
- <sup>11</sup> Assis, Joaquim Maria Machado de. «A Mosca Azul». In: *Ocidentais, Obra Completa*, III, pp. 161-162.
- <sup>12</sup> *Memórias Póstumas, op. cit.*

- <sup>13</sup> Assis, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba, Obra Completa*, I. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar (1962).
- <sup>14</sup> Os conceitos da luta pela vida e da sobrevivência do mais forte que antecederam a publicação de *A Origem das Espécies* de Darwin, entraram em voga no pensamento político na Europa nos finais dos séculos XIX e XX e formaram a base filosófica dos conflitos entre os grandes poderes europeus nesses séculos. Foram também invocados por teorias eugênicas e constituíram a base do pensamento Nazi.
- <sup>15</sup> Assis, Machado de. *Quincas Borba, Obra Completa*, I, *op. cit.*, p. 647.
- <sup>16</sup> *Memórias Póstumas, op. cit.*, p. 613.
- <sup>17</sup> *Ibidem*, p. 637
- <sup>18</sup> Schwarz, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, (1990). Consulte-se também do mesmo autor:  
 – *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades (1977).  
 – «Generalidades». *Machado de Assis*. Ed. Alfredo Bosi and others. São Paulo: Ática (1982).  
 – «O Sentido Histórico da Crueldade em Machado de Assis». In: *Novos Estudos: CEBRAP* 17 (1987), pp. 38-44.
- <sup>19</sup> Silva, Teresinha V. Zimbrão da. *Diplomacia em Literatura: Uma Outra Leitura d'O Testamento Estético de Machado de Assis*. Tese de doutoramento pela Universidade de Newcastle Upon Tyne, Grã-Bretanha (Setembro de 1994). Consulte-se também:  
 Facioli, Valentim. «Várias Histórias para um Homem Célebre (Biografia Intelectual)». In: *Machado de Assis*. São Paulo: Ática (1982), pp. 31-35.  
 Gledson, John, «Brazilian Fiction: Machado de Assis to the Present». In: *Modern Latin American Fiction: A Survey*. Ed. John King. London: Faber and Faber Limited (1987).  
 – *Machado de Assis: Ficção e História*. Col. Literatura e Teoria Literária. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1986).  
 – *The Deceptive Realism of Machado de Assis*. Liverpool: Liverpool Monographs in Hispanic Studies (1984).  
 Silviano Santiago, «A Retórica da Verossimilhança». In: *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva (1978), pp. 29-48.
- <sup>20</sup> Joaquim Maria Machado de Assis, *Esau e Jacó, Obra Completa*, I. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar (1962).
- <sup>21</sup> Sobre este tema veja-se: Octávio Brandão, *O Nihilista Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora (1958).  
 Afrânio Coutinho, *A Filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.  
 Astrojildo Pereira, «Instinto e Consciência da Nacionalidade». *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria S. José (1959), pp. 43-85.  
 Viana Moog, «Decadência do Mundo Moderno: Machado de Assis». In: *Heróis da Decadência: Petrólio, Cervantes, Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A. (1964), pp. 105-143.  
 Moysés Vellinho, «Machado de Assis e a Escravidão». In: *Correio Popular de Campinas* 24 (1958), pp. 1-2.
- <sup>22</sup> World Bank, *Brazil: Inequality and Economic Development*, Earth Trends, The Environmental Information Portal, (2003). [http://earthtrends.wri.org/povlinks/poverty\\_resource.cfm?poverty\\_resource\\_ID=63](http://earthtrends.wri.org/povlinks/poverty_resource.cfm?poverty_resource_ID=63)  
 World Bank, *Brazil: Inequality and Economic Development: Poverty Assessment Report*. <http://wbln1018.worldbank.org/LAC/LAC.nsf/0/28840FED2FE42C2A85256E4D00661B68?Opendocument>.  
 François Bourguignon e Francisco de Hollanda Guimarães Ferreira, *Understanding Inequality in Brazil: A Conceptual Overview*, <http://ideas.repec.org/p/rio/texdis/434.html>

- <sup>23</sup> Schwarz, *Um Mestre*, *op. cit.*
- <sup>24</sup> Maria Manuel Lisboa, *Machado de Assis and Feminism: Re-Reading the Heart of the Companion*. Lewiston e Lampeter: Edwin Mellen Press (1996).
- <sup>25</sup> Schwarz, *Um Mestre*.
- <sup>26</sup> Zimbrão, *op. cit.*
- <sup>27</sup> *Memórias Póstumas*, p. 584.
- <sup>28</sup> *Ibidem*, p. 619.
- <sup>29</sup> *Ibidem*, p. 525.
- <sup>30</sup> *Ibidem*, p. 542.
- <sup>31</sup> *Ibidem*, p. 543.
- <sup>32</sup> *Ibidem*, p. 537.
- <sup>33</sup> *Ibidem*, p. 539.
- <sup>34</sup> *Ibidem*.
- <sup>35</sup> John Stuart Mill, *The Subjection of Women*. Delwar, N.Y.: Caravan (1999).
- <sup>36</sup> *Memórias Póstumas*, p. 548.
- <sup>37</sup> *Ibidem*, p. 518.
- <sup>38</sup> *Ibidem*, p. 518.
- <sup>39</sup> *Ibidem*, pp. 518-519 (itálicos nossos).
- <sup>40</sup> *Ibidem*, p. 519.
- <sup>41</sup> Karen Horney, «The Dread of Woman». In: *Feminine Psychology*. Nova Iorque e Londres: W.W. Norton and Company (1993).
- Nancy Chodorow, *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Berkeley, Los Angeles e Londres: The University of California Press, (1979).
- Dorothy Dinnerstein, *The Rocking of the Cradle and the Ruling of the World*. Londres: The Women's Press (1987).
- <sup>42</sup> *Memórias Póstumas*, p. 519.
- <sup>43</sup> *Ibidem*.
- <sup>44</sup> *Ibidem*.
- <sup>45</sup> *Ibidem*, p. 520.
- <sup>46</sup> *Ibidem*, p. 613.
- <sup>47</sup> *Ibidem*, p. 519.
- <sup>48</sup> *Ocidentais*, pp. 151-152.
- <sup>49</sup> *Memórias Póstumas*, p. 520.
- <sup>50</sup> Ver nota 15.
- <sup>51</sup> *Memórias Póstumas*, p. 521.
- <sup>52</sup> *Ibidem*, p. 522.
- <sup>53</sup> *Ibidem*.
- <sup>54</sup> *Ibidem*, p. 523.
- <sup>55</sup> *Ibidem*, p. 599.
- <sup>56</sup> *Ibidem*, p. 596.
- <sup>57</sup> *Ibidem*, pp. 599-560.
- <sup>58</sup> *Ibidem*, p. 615.
- <sup>59</sup> *Ibidem*, p. 637.
- <sup>60</sup> *Ibidem*, p. 548.
- <sup>61</sup> *Ibidem*, p. 637.
- <sup>62</sup> *Ibidem*, p. 613.
- <sup>63</sup> «Instinto de Nacionalidade», p. 804.
- <sup>64</sup> Fernando Pessoa, «Ulisses». In: *Mensagem*, 13.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edições Ática (1979).
- <sup>65</sup> Alexandre Herculano, «A Dama Pé de Cabra – Rimance de um Jogral (Século XI)». In: *Lendas e Narrativas*, Tomo II. Lisboa: Livraria Bertrand (1981), pp. 33-74.